

Poesia

Wallace Stevens

Wallace Stevens - Três Poemas¹

Tradução de Sueli CAVENDISH ⁱ*Agradeço a ajuda sempre constante e afável do amigo Paulo Henriques Britto*

Nada mais distante da imagem de Wallace **Stevens** (1879-1955), escritor e executivo de uma grande companhia de seguros, da qual chegou a ser vice-presidente, que a de poeta maldito. Mesmo assim é possível localizá-lo na linhagem do assim chamado transcendentalismo vazio, que pode ser rastreada até Rimbaud e Edgar Allan Poe, seguidos de Baudelaire e Mallarmé, Stephan George e Rilke, Paul Valéry e tantos outros. Stevens empreendeu sua cruzada poética na calma e obscura Hartford, em Connecticut, espécie de refúgio contra a agitação nova-iorquina. Ali, sem que sequer fosse conhecido dos seus concidadãos, viria a se tornar figura exponencial entre os modernos, contado por Harold Bloom entre os cinco melhores: Yeates, Pound, Eliot e Auden.

Wallace Stevens esteve sempre preocupado com o papel formativo do poeta sobre a realidade, ou seja, a poiésis, a partir da imaginação. Abandonada a ideia de Deus, que não hesitara em considerar a principal ideia poética do mundo, a poesia é a essência que lhe toma o lugar, como redenção da vida. A imaginação substitui a

¹ Agradeço a autorização do editor de “Pernambuco”, Suplemento Cultural do diário Oficial do Estado de Pernambuco nº 60, no qual este texto foi publicado com o título: “Um Moderno Revelado”.

ordem transcendente em que insistem as religiões. Stevens era também estilista ímpar e um hábil filósofo, que explorava com vigor a ideia da poesia como a fusão suprema da imaginação criativa e das coisas que povoam o mundo, numa palavra, a realidade.

Dois dos poemas aqui traduzidos, *Treze Maneiras de Olhar-se para um Melro e Quarto Cinza*, fazem parte da primeira poesia de Stevens, publicados antes de 1917, e integra os *Collected Poems* de Wallace Stevens, com os quais conquistaria o *Pulitzer Prize* em 1955, contribuindo desde cedo, portanto, para a formação do cânone do autor e da própria poesia americana moderna. O terceiro poema, *Solilóquio Final do Amante Interior*, foi composto nos derradeiros anos, revelando toda a instigante complexidade em que viria a desaguar a poética stevensoniana.

Treze Maneiras de Olhar-se para um Melro projeta um efeito visual que se reafirma a cada nova geração de leitores, combinando traços do imagismo de Pound e Amy Lowell na construção de um amplo painel sobre um fundo branco no qual pontifica, primeiro, o olho do melro, *the eye, the self*, o eu, uma consciência que logo se dissolve, recua e multiplica na amplidão do espaço, frágil figura negra, animada pelo espírito das criaturas que habitam o mesmo mundo em contraste com a fixidez geológica de um mundo congelado. Os versos livres e curtos são remissivos dos *tanka* e *haikus* japoneses, embora o próprio Stevens afirmasse que eram as estamparias japonesas que o haviam inspirado.

Em *Quarto Cinza* Stevens compõe uma minúscula análise objetiva do que se presume ser uma mulher despida de quaisquer atributos que não sejam aqueles das coisas que a cercam e dos pequenos atos que exercita nesse seu espaço de espera, através dos quais é possível vê-la em seu *ennui*. A interrupção brusca e súbita da neutralidade da cena por uma voz que a argúi desde fora inflama de um só golpe o que era tão somente calma, introduzindo a questão do significado ao final do desfilado ritmado dos significantes.

Solilóquio Final do Amante Interior é poema da complexa fase final stevensoniana e como tal tem originado as mais controvertidas leituras. Nele o poeta se arrisca mais que em qualquer outro na direção do reconhecimento de um mundo transcendente, porém a cada estrofe recupera o equilíbrio reintegrando a imaginação à alquimia interna e profunda do espírito terreno.

Thirteen Ways of Looking at a Blackbird

Treze Maneiras de Olhar-se para um Melro

I

Among twenty snowy mountains,
The only moving thing
Was the eye of the blackbird.

I

Em meio a vinte montanhas nevadas,
A única coisa movente
Era o olho do melro

II

I was of three minds
Like a tree
In which there are three blackbirds.

II

Achava-me nas três mentes
Qual uma árvore
Na qual há três melros

III

The blackbird whirled in the autumn
winds.
It was a small part of the pantomime.

III

O melro rodopiava nos ventos de outono
Era uma pequena parte da pantomima

IV

A man and a woman
Are one.
A man and a woman and a blackbird
Are one.

IV

Um homem e uma mulher
São um
Um homem e uma mulher e um melro
São um

V

I do not know which to prefer,
The beauty of inflections
Or the beauty of innuendoes,
The blackbird whistling
Or just after.

V

Não sei que prefira,
A beleza das inflexões
A beleza das insinuações
O melro assobiando
Ou logo após

VI

Icicles filled the long window
 With barbaric glass.
 The shadow of the blackbird
 Crossed it, to and fro.
 The mood
 Traced in the shadow
 An indecipherable cause.

VI

Pingentes cobriam a longa janela
 Com gelo selvagem.
 A sombra do melro
 Atravessava-a, pra lá e pra cá.
 O ânimo
 Escrevia na sombra
 Uma indecifrável causa.

VII

O thin men of Haddam,
 Why do you imagine golden birds?
 Do you not see how the blackbird
 Walks around the feet
 Of the women about you?

VII

Ó homens magros de Haddam,
 Por que imaginais pássaros dourados?
 Não vês como o melro
 Anda a volta dos pés
 Das mulheres acerca de vós?

VIII

I know noble accents
 And lucid, inescapable rhythms;
 But I know, too,
 That the blackbird is involved
 In what I know.

VIII

Conheço nobres cadências
 E lúcidos, inescapáveis ritmos;
 Mas sei, também,
 Que o melro está implicado
 No que sei.

IX

When the blackbird flew out of sight,
 It marked the edge
 Of one of many circles.

IX

Quando o melro voou a perder de vista,
 Marcou a borda
 De um entre muitos círculos.

X

At the sight of blackbirds
 Flying in a green light,
 Even the bawds of euphony
 Would cry out sharply.

X

À visão dos melros
 Voando numa luz verde,
 Mesmo as rameiras da eufonia
 Gritariam esganiçadas.

XI

He rode over Connecticut
In a glass coach.
Once, a fear pierced him,
In that he mistook
The shadow of his equipage
For blackbirds.

XII

The river is moving.
The blackbird must be flying.

XIII

It was evening all afternoon.
It was snowing
And it was going to snow.
The blackbird sat
In the cedar-limbs.

Gray Room

Although you sit in a room that is gray,
Except for the silver
Of the straw-paper,
And pick
At your pale white gown;
Or lift one of the green beads
Of your necklace,
To let it fall;
Or gaze at your green fan
Printed with the red branches of a red
willow;
Or, with one finger,
Move the leaf in the bowl--
The leaf that has fallen from the
branches of the forsythia
Beside you...
What is all this?
I know how furiously your heart is
beating.

XI

Ele atravessou toda Connecticut
Num coche de vidro.
Uma vez, um medo o trespassou,
Quando ele confundiu
A sombra de sua carruagem
Com melros.

XII

O rio se move.
O melro deve estar voando.

XIII

Foi noite a tarde toda.
Nevava
E ia nevar.
O melro pousado
Nos galhos do cedro.

Quarto Cinza

Embora esperes num quarto que é cinza,
Exceto pela prata
Do papel de seda,
E roces
O teu pálido vestido branco;
Ou levantes uma das verdes contas
Do teu colar,
Para deixá-la cair em seguida;
Ou contemples o teu leque verde
Estampado com os rubros galhos de um
salgueiro rubro;
Ou, com um dedo,
Movas a folha no vaso -
A folha que caiu dos galhos da forsítia
Ao teu lado...
O que é tudo isso?
Eu sei com que fúria teu coração está
batendo.

Final Soliloquy of the Interior Paramour Solilóquio Final do Amante Interior

Light the first light of evening
In which we rest and, for small reason,
think
The world imagined is the ultimate good.

This is, therefore, the intensest
rendezvous.
It is in that thought that we collect
ourselves,
Out of all the indifferences, into one
thing:

Within a single thing, a single shawl
Wrapped tightly round us, since we are
poor, a warmth,
A light, a power, the miraculous
influence.

Here, now, we forget each other and
ourselves.
We feel the obscurity of an order, a
whole,
A knowledge, that which arranged the
rendezvous.

Within its vital boundary, in the mind.
We say God and the imagination are
one...
How high that highest candle lights the
dark.

Out of this same light, out of the central
mind,
We make a dwelling in the evening air,
In which being there together is enough.

Acende a primeira luz da noite
na qual repousamos e, por razão pouca,
refletimos
o mundo imaginado é o bem maior

Este é, assim, o mais intenso encontro.
É nessa ideia que nos reconciliamos,
Para além de toda indiferença, em coisa
única:

Dentro de uma coisa, um único xale
Que nos envolve estreitamente, pobres
que somos, um calor,
Uma luz, um poder, o milagroso influxo.

Aqui, agora, esquecemos um do outro e
de nós mesmos.
Sentimos a obscuridade de uma ordem,
de um todo,
Um saber, aquilo que preparou o
encontro.

Em sua fronteira vital, no espírito.
Dizemos Deus e a imaginação são um. . .
Tão alta a mais alta das velas ilumina o
escuro.

Desta mesma luz, deste espírito central,
Construímos uma morada no ar noturno,
Na qual estar ali juntos é o bastante.

ⁱ SUELI CAVENDISH - Ensaísta e Tradutora, professora do Departamento de Letras da UFPE, editora de Eutomia.